

Visado  
pela Comissão  
de Censura

# Ecoss da Franqueira

- AVENÇA -

Número avulso  
25 centavosRedacção e Administração  
Carvalhal — Barcelos

Director, Editor, Administrador e Proprietário

P.º José A. Aires

Publica-se aos Domingos

ASSINATURA: 10\$00 (por ano); 5\$00 (semestre)  
P. GAMENTO ADIANTADOCOMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO  
TIP. DA OFICINA DE S. JOSÉ — BRAGA

## As muralhas de Barcelos

### Barcelos Militar

(Sec. XV)

#### Transcrição

Pelo Dr. Antonio Ferraz

Conquanto não fosse grande a sua importancia estratégica, Barcelos possuiu outr'ora um notável sistema de fortificação.

Vila antiquíssima, situada no coração da populosa região Entre Douro e Minho e não muito distante de povoações tão importantes como o Porto, Braga, Viana e Ponte do Lima, ficava pela sua situação topográfica exposta ás mil correrias e incursões d'esses tempos rudes, em que a guerra era a constante preocupação dos homens, devendo, por consequencia, possuir, como generalidade das povoações medievas, um castelo, uma muralha, uma simples torre ou atalaia, que a protegesse e lhe proporcionasse condições de resistencia aos frequentes ataques do inimigo.

A necessidade d'esses meios de defesa deduz se ainda do conhecimento que temos da existencia de outras fortificações n'esta região e não longe de Barcelos, taes como: em épocas muito longinquas um ou outro castro luso-romano, de que ainda restam vestígios no Monte da Ponte, fronteiro ao Castelo do Neiva, no Monte de S. Lourenço em Vila-Chã e no Monte da Saia, na freguesia das Carvalhas; e, mais modernamente, alguns castelos proximos, como os de Neiva, Penafiel de Bastião, Faria e Vermuim, muito notáveis nos primeiros tempos da monarchia portugueza.

Se os povos d'esta região, então a mais populosa e florescente de todo o reino, se não vissem expostos ás continuas guerras d'esses tempos barbaros, certamente que não cuidariam com tanto afan e interesse na realisação d'esses meios de defesa.

Demais, sabemos que, de todas as provincias portuguezas, era precisamente a de Entre Douro e Minho aquella em que, nos séculos XI e XII, com mais frequencia se encontravam essas construcções militares. Assim o diz o nosso Alexandre Herculano, referindo-se a esta época relativamente distante: «Defesas e cometimentos, eis o que se repetia, a bem dizer, diáriamente; porque em cada montanha, quasi em cada outeiro, surgia uma fortaleza, às vezes uma simples torre, cuja conquista importava a sujeição do território circunvisinho, e que eram sustentadas com tanta firmeza pelos que as defendiam, como combatidas com tenacidade pelos que as atacavam.»

Ainda hoje se descobrem claros vestígios da antiga fortificação de Barcelos.

Além de uma forte e elegante torre, que serve actualmente de cadeia comarcã, temos vários trechos da antiga muralha, uns completamente a descoberto e extensos, outros encobertos já em muitos edificios da Vila, mas ainda facilmente reconhecíveis.

E' por estas venerandas reliquias, que a mão do homem e a acção destruidora do tempo ainda não conseguiram apagar, que hoje podemos com facilidade reconstruir toda a antiga fortificação d'esta importante vila.

O seu sistema era o geralmente adoptado em todas as épocas da história, nomeadamente nos tempos medievas: um campo entrincheirado de duas ou mais linhas de resistencia e um reducto de segurança.

Se a cidade ou vila devia ser fortificada, as habitações dos seus moradores eram envolvidas por uma cintura de forte muralhas ameidadas, limitando um espaço maior ou menor, onde ficavam os quartéis, o templo e outros edificios. E dentro d'este recinto e no ponto mais elevado da povoação, em qualquer pequena colina, uma outra ordem de muros envolvendo a alcaçova, ou castelo propriamente dito, com a sua torre de menagem, onde residia o alcaide-mór ou governador da praça, e sob a protecção da alcaçova, a catedral ou igreja matriz, e não longe os paços do concelho, em frente dos quaes se erguia o pelourinho.

A defesa fazia-se da parte superior das muralhas e torres —



Nossa Senhora da Franqueira

dos adarves e eirados — portegendo-se os combatentes com as ameias que as guarneciam; e o flanqueamento era ordinariamente feito das torres, que, de onde a onde, excediam as quadrelas dos muros tanto em altura como em superficie.

Junto de cada porta interior da povoação havia uma torre que a defendia, e a aproximação do inimigo ás muralhas e portas era dificultada pelos fòssos ou cárcovas, que envolviam toda a fortificação, pelo menos nos pontos mais acessíveis d'esta.

E, finalmente, para dar entrada na interior da praça, havia junto da sua porta principal uma ponte levadiça sobre o fòsso.

Eis, um rápido esboço, o tipo classico da fortaleza medieval.

Estudemos agora a fortificação de Barcelos.

Não há duvida que foi D. Afonso, 8.º conde de Barcelos, quem, entre outras obras, que empreendeu e realisou, mandou construir o castelo e linha de muralhas que protegiam a vila.

Foi isto shi pelos primeiros anos do seculo XV.

Seria, porém, esta fortificação a primeira que Barcelos possuiu, ou D. Afonso limitar-se-hia a reparar ou mesmo aplicar uma outra já existente?

Se bem que nenhum documento autentico esclareça este obscuro ponto, nem d'ele se ocupem as velhas cronicas barcelenses, é para nós muito provavel, se não certo, que, antes da fortificação do Conde D. Afonso outra existia já e de construção muito antiga. Eis as razões em que fundamentamos o nosso aserto:

A vila de Barcelos era, já no começo da monarchia, uma das mais importantes povoações de Entre Douro e Minho. A pequena distancia d'ela — a alguns kilometros apenas — ficavam como já tivemos occasião de dizer, os Castellos de Faria e Penafiel, e um pouco mais distante o de Vermuim e o de Neiva, de que D. Afonso Henriques se apoderou quando, ao declinar o ano de 1127, declarou guerra a sua mãe. Ora, se Faria, Penafiel, Neiva e Vermuim possuiram esses fortes castelos, não se pode acreditar que a Vila de Barcelos, indubitavelmente uma povoação muito mais importan-



# Crónica da Semana

**Conferências** — Está reunida em Genebra a Conferência do Desarmamento e vai reunir em Londres a Conferência Económica. Ambas as Conferências são mundiais, quer dizer, nelas estão interessadas tôdas as nações do mundo. Ambas as Conferências tem como objectivos a solução de gravíssimos problemas que interessam à paz e ao progresso da humanidade. Uma pretende graduar os armamentos entre as nações e evitar quanto possível o flagelo da guerra, a outra examina a situação económica actual, que é péssima em todos os países, e vai estudar os meios de a debelar.

Os potentados do mundo, reconhecendo que a marcha seguida pela sociedade caminha para o abismo, tentam arripiar caminho e imprimir-lhe movimento mais equilibrado. Conseguirão o efeito desejado?

Para isto seria necessário reunir uma terceira Conferência mundial: a da Moralidade. O mando tem ido e continua torto porque a crise moral é tão pavorosa ou mais do que a crise económica. A guerra não ameaça apenas porque esta ou aquela nação está a aumentar os seus armamentos; a guerra está a armar-se porque a luta dos interesses e das paixões, nos indivíduos, nas classes, como nas nações, a sede insaciável de predomínio e de imperialismo, a inveja, a desconfiança, a incredulidade, a traição, constituem desde há muito um estado bélico, cujas batalhas se ferem entre as chancelarias, mas que de um momento para o outro poderão eclodir ao ribombar dos canhões. Que poderão fazer as conferências do desarmamento e da situação económica mundial? Encontrar uma solução parcial, transitória, que adie a catástrofe? E' o mais que poderão ambicionar, porque a luta de interesse e de ambições continuará, e a falência moral não será resolvida.

E' necessária a Conferência da Moralidade. A solução do problema material não resolve tudo. Os espiritos batalham mais do que os corpos, e para os meter na ordem não há como as regras da moral. O grande defeito dos dirigentes do mundo está precisamente no pouco valor que dão a estas regras. Empossem Deus do que verdadeiramente lhe pertence: as nações, sociedade, indivíduos, almas, e os graves problemas da actualidade desaparecerão. Em pouco tempo os armamentos serão reduzidos e as finanças mundiais terão o seu progresso.

Mas em quanto a moralidade continuar a ser uma palavra ôca de sentido, o cáos há-de persistir e a guerra entre os homens terá solução satisfatória.

\*

**O grande problema moral.** — Continuemos o resumo do relatório da Associação de Protecção às Raparigas. E' necessário que esta Associação invada o país de norte a sul. E' a a moralidade que o exige. Mulheres portuguesas defendei o vosso sexo! Padres, auxiliai, orientai, protegei a Associação! A profilaxia moral no sector feminino representa a defesa da sociedade, de uma das péstes mortíferas.

Diz o relatório:

«Casa de Protecção, casa de amparo, casa de família! Por esse Portugal inteiro, mais especialmente em Lisboa, em tanta cidade e aldeia, em quasi todas as freguesias da nossa Capital, a Protecção tem as suas representantes, os seus centros, as suas vigias. Reunidas em dezenas, cada qual com a sua chefe e dentro da sua freguesia, tendo à frente a respectiva correspondente, quantas almas dedicadas a trabalhar! Só em Lisboa são 186 as dezenas e 31 as correspondentes. Evidentemente muito resta, ainda por fazer. E' neces-

sário remediar as faltas. Só assim a Protecção poderá verdadeiramente cumprir a sua missão, tratando das almas e dos corpos. Quantos baptizados? Quantas primeiras comunhões?

Agora mesmo está aqui empregada uma rapariga de 16 anos que procurava colocação por meio do nosso escritório. Não era baptizada, de religião nada sabia. Foi lhe ministrado o ensino necessário e para o receber capazmente a casa de Protecção abrigou-a durante 4 meses. Depois, como era mesma reconhece os perigos do meio em que vivia a casa paterna infelizmente não ela o que deveria ser, pediu para aqui ficar e vai a casa o menos possível. Há certos perigos em que, a mais elemental prudência aconselha a fuga.

Chegam aqui as raparigas, coitadinhas, tão precisadas de auxílio, que o coração contrai-se de dôr ao ouvi-las. Sempre a eterna história, sempre a mesma luta para viver, sempre os mesmos perigos a vencer. No meio de isto tudo a sua frágil inexperiência.

Quantas com fome? E na Protecção só de Abril de 1932 a Abril 1933, serviram-se 12.200 refeições. Quantas com frio! Quantas sem ter onde repousar a cabeça! Dormiram nesta casa no mesmo período 4.224 e estiveram aqui hospedadas 353. Quantas se vêem a sós em situação difíceis: uma que recebe herança e não sabe tratar de nada, outra cujos patrões não lhe pagam há meses o ordenado, outras... Mas para que enumerar casos? Seria um nunca acabar.»

E, continuaremos.

\*

**Obras na Sé Primás.** — Há tempos nas colunas deste jornalzinho foram registados vários donativos com que beneméritos subscritores concorreram para as obras grandiosas e variadas que, vai em dois anos, se estão realizando no primeiro e principal templo da Arquidiocese, a veneranda Sé Primacial.

Muito se tem feito já.

Não só no corpo principal do edificio, como nas salas superiores em adaptação a museu, bastante se adeantou. E' fazer lá uma visitinha para se ficar admirado e encantado.

Mas as obras continuam. Há ainda imenso que realizar.

Edificio velho, desde há um século votado ao esquecimento, quanta reparação e quanta reforma inadiáveis, urgentes! Há necessidade de todos olharmos pela conservação e aformoseamento da Sé Primacial. Tôdas as igrejas da Arquidiocese são filhas dela. E uma mãe merece sempre os afagos e auxílios dos bons filhos!

E' ir à Sé e apreciar os seus melhoramentos. Não se deter nas modificações das naves, subir ao alto e apreciar o rico tezouro, as lindas coisas que a igreja-mãe possui.

Cada um com a sua pequenina pedra, a obra progredirá e a Sé será renovada.

\*

**Peregrinação nacional a Roma.** — Está já publicado o programa e de tôdas as partes acodem a inscrever-se muitos peregrinos. Portugal, onde a religião católica, felizmente, ainda é a da grande maioria dos cidadãos, mal ficaria se não conduzisse à cidade eterna, aos pés do Santo Padre, neste ano de jubileu extraordinário do centenário da Redenção, um grande número de fiéis. E vai conduzir. Conquanto as circunstâncias económicas do país não sejam de molde a facilitar despesas, Portugal crente e piedoso ficará honrado com a peregrinação que está a organizar-se em Setembro demandará a cidade do Vaticano.

Ah! como é cativante este apêlo do Papa, do Pai comum chamando e reunindo os filhos para mutuamente se consolarem e animarem nas lutas que a época actual tem desencadeado contra a Igreja! Como é edificante o recurso das graças celestes implorado a Deus, por tantos milhares de crentes, iluminados pela mesma fé e acalentados pela mesma esperança a pedirem à volta do Vigário de Cristo, que a paz desça e reine entre os homens, e que as almas se depurem numa santificação venturosa!

São verdadeiros exércitos os que durante este abençoado ano convergem de tôdas as partes do mundo para Roma. As armas que conduzem não são destruidoras. Levam nos lábios a oração, que é a arma mais potente que se tem construído, e no coração o amor, que é a metralha mais decisiva que tem aparecido na terra. Só tem um alvo: o reino de Deus. E, como este não é deste mundo, os exércitos de fiéis vão a Roma para melhor fazerem a conquista no outro. Podem as chancelarias continuar remangosamente a tarefa da sua diplomacia; esta deslocação de tropas não perturbará a paz mundial, antes certamente contribuirá para mais se firmar.

Vão os portugueses a Roma em piedosa romagem. Lá afirmarão ao Santo Padre que este glorioso torrão da orla do ocidente continua, como outrora, de crenças arraigadas na fé católica, a protestar o seu amor e submissão ao Sumo Pontífice e à Santa Igreja.

Portugueses! a Roma!

\*

**A festa da Ascensão.** — A festa da Ascensão do Senhor é uma das que mais cala no coração dos fiéis. Jesus subindo ao Céu confirmou o prodígio da sua miraculosa Ressurreição. Resurgiu dos mortos e subiu ao Céu porque era Deus. Portanto a doutrina da religião por êle prégada é divina.

Passou na quinta-feira essa festa. A Santa Igreja, comemorando a Ascensão do Senhor, lembra a todos os pobres caminheiros deste mundo que é necessário ir atrás d'Ele. Veio semear a divina semente da religião e voltou a seu eterno Pai. Nós devemos enceleirar os frutos dessa divina semente e ir gozando na eterna dita. Devemos ter também a nossa ascensão, trabalhar para a conseguir, fazer dela a nossa suprema aspiração.

Dia da Ascensão, dia de rosas, dia de plena alegria, dia de portas abertas no céu! Jesus deixou a terra e foi para o seio do seu eterno Pai. Ascendamos com Ele!

## Conferencia Mundial

Os planos de Mussolini, no sentido de constituir uma comissão internacional, composta de representantes da Inglaterra, França, Alemanha, e Italia, falharam estrondosamente.

Os pequenos países que vivem sacrificados, a sua liberdade direitos à vida, às exigências do famoso *Club Diplomático*, opuseram-se obstinadamente. A França tomou o seu partido negando-se a colaborar em tal projecto.

Roosevelt, Presidente dos Estados Unidos, convocou agora vários países do mundo, a enviarem a Washington, os seus delegados, a conferências com o governo americano, para se procurar a paz definitiva do mundo.

Trata-se de levar a cabo uma grande conferência mundial, onde os homens do Estado estudem os meios de assegurar a pacificação das nações sacudidas, umas, por ambições desmedidas, anseadas, outras, por legítimos interesses.

Que dará este novo esforço pela paz do mundo? Ninguém o sabe. Nós cristãos, filhos de Cristo que é o Rei da Paz devemos orar, para que estes generosos esforços dos homens possam alcançar o bem que procuram.



Considerações oportunas

A Ascensão e o Céu

Estava próximo o dia, em que Jesus devia subir gloriosamente ao Céu; reunindo os seus Apóstolos, disse-lhes, entre outras palavras consoladoras: « Vou preparar-vos um lugar » (Jo., XIV, 2). E mais: « Ainda um pouco e já não me vereis, e depois um pouco e me vereis, porque vou para o Pai ». (Jo., XVI, 17) Esse lugar, para onde Jesus partia e prometia aos seus discípulos, como recompensa dos seus trabalhos e virtudes, era o Céu.

Algumas considerações a propósito e que a todos nós aproveitem.

O céu é prometido e assegurado a todos quantos fizerem o bastante para o merecer. E se a cada passo meditássemos nessa grande verdade, o que é, o que vale o céu, com certeza que passaríamos a vida pensando no Céu e trabalhando pela conquista do Céu, que é a soberana felicidade, a suprema recompensa, a todos prometida.

O Céu, a felicidade eterna considerada pelo seu lado negativo, é o termo definitivo de todo o mal. Então: « Deus lhes apagará todas as lágrimas de seus olhos, e já não haverá nem morte, nem choro, nem gritos, nem dor porque as primeiras coisas passaram » (Apoc. XXI, 4). Para sempre ficaremos isentos de toda a doença, fadiga, de qualquer sensação dolorosa. Pela ressurreição da carne, os corpos ficarão num estado glorioso, incorruptíveis e impassíveis.

E sobretudo a alma ficará definitivamente livre de todas as suas aflições: não haverá incertezas, perplexidades, aborrecimentos, contrariedades, nem angustias, decepções, receios, tristezas, tentações.

Desde então a consciência não sentirá qualquer peso, receio ou remorso; confirmada na graça, a alma tem a certeza de que não poderá já mais pecar, mas somente gozar, por toda a eternidade.

Visto pelo seu lado positivo, o Céu, é ainda mais atraente, encantador, verdadeiramente sublime. O que constitui formalmente o Céu é a participação eterna da própria glória de Deus, da sua própria felicidade. O justo é o possuidor deste supremo gozo: vê a Deus, durante a eternidade, como Ele se vê a Si mesmo.

Neste mundo, por mais íntima que seja, pela vida da graça, a união do nosso coração com Deus, todavia há sempre um véu entre Ele e nós. A razão faz-nos conhecer a sua existência e a dos seus atributos que se refletem nas criaturas; a fé alguma coisa nos revela da sua vida íntima. Mas, embora Deus esteja presente em toda a parte, em redor de nós e em nós (Act., XVII, 28) todavia não o vemos, face a face. Mas, apenas introduzidos no Céu, todos os véus, que existiam entre nós e Deus, desaparecerão, far-se-há luz a dissipar todas as sombras.

Vê-lo-emos face a face, conhecê-lo-emos como Ele nos conhece (I Cor., XIII, 12; Jo., III, 2).

E com esta luz, este conhecimento, intensificar-se-há, quanto possível, o nosso amor, duma maneira irresistível, para não mais arrefecer, nem cessar. E com a certeza absoluta de já mais perder o objecto do nosso amor, em ama-lo encontraremos uma felicidade imensa, incomparável, uma paz absolutamente completa, eterna!

E não estaremos gozando essa felicidade eterna, isoladamente. Conosco teremos Jesus, o nosso Redentor, com a sua dupla natureza divina e humana. Estaremos com Maria Santíssima, a Corredentora, a Mãe, a nossa esperança da terra e agora alegria no Céu; estaremos com os Anjos e Santos, encarnação de todas as virtudes,

Como a felicidade do Céu é digna de ser desejada ardentemente, assegurada a preço de todos os sacrifícios!

E' por isso que todos os Santos por ela suspiravam continuamente, com uma piedosa impaciência de verem o fim dos seus destêrros, exclamando com S. Paulo: « Desejo ser separa-

do da carne e estar com Jesus Cristo, cousa muito melhor para mim » (Phil., I, 23).

Esta graça implorêmos do Céu, por intermédio de Jesus, na festa da sua gloriosa Ascensão. Pelo Céu trabalhemos, sacrificuêmos tudo.

SILVIO.

VARIEDADES

LOUVEMOS AO SENHOR

Louvemos ao senhor; as mãos ergamos,  
Como, ao Sinal da Luz, ávidos ramos  
Na sombria espessura.

A terra, seja o Adro; os céus a Igreja;  
E a vocação sacerdotal esteja  
Em toda a Criatura.

Louvemos ao Senhor sobre o Mistério,  
Pulsados com as cordas do saltério,  
Ressõem os sentidos:

Exulte, sob o espirito que exulta  
Sidéria vida sufocada e oculta  
Em olhos ou ouvidos.

Pois o Verbo da Esp'rança é sempre novo;  
Tão cheio de Futuro qual um ovo  
E' cheio de aza e canto...

A agrura não entende o lavrador;  
Mas nós,—geiras do Eterno,— ao seu amor  
Profundemos o encanto.

Louvemos o senhor. Dizei: bendito  
Por quanto fez e nos deixou eserito  
Em água, estrela ou flôr

Deus que de nós se paga e se contenta  
Quando ao Seu Livro um homem acrescenta:  
—Louvemos ao Senhor.—

Louvai-o nos caminhos da alegria,  
E,—muito mais ainda,—ao negro dia  
Da súbita amargura...

A terra, seja o Adoro; os céus, a Igreja;  
E a vocação sacerdotal esteja  
Em toda a Criatura.

(Do poema lob)

Antônio Correia de Oliveira

Secção charadística

CHARADAS

EM VERSO

Setenta e dois já no lombo me pesando  
E meu corpo já sem forças se sentindo,  
Me parece ver a morte caminhando 2  
Resoluta para mim se dirigindo.

De rapaz o bom tempo hoje lembrando  
E o futuro, que esperava então sorrindo;  
Me demonstra quanto o mundo é e'crrando,  
Quanto fel no seu peito ha rôsto lindo.

Praticado tendo o bem a vida inteira,  
Tendo em mente a palavra doutrineira  
Que prêgou me muita vez o professor;— 2

De crer era, se algum dia precisasse,  
Indiferente para mim ninguém olhasse,  
Mas, conforme manda Deus, sem ser favor.

Lebricho

EM FRASE

Uma estrela pode ser med da por meio d'êste instrumento — 2-2  
Prende o animal bravo com êste cordão. — 2-2

H. Raio

P'ra que não roubem o fruto de boa casta, é preciso estar de vigilância — 2-2  
Este peixe de nada serve no meu casebre — 2-1

Madre Helena.

AUMENTATIVAS

Quando o navio desgarrar  
ai do rumo, perde a rota;  
De nada lhe vale a amarra,  
Seu Jogo a gente alvorota. — 3

H. Raio

SINCOPADAS

(por letras)

3— Neste leito em que passei  
Uma noite interminável,  
Quando n'êle me deitei  
Julgava-o mais agradável. — 2

Lebricho

3 — Torna-se ridiculo o homem que tem medo do papão — 2

3 — De sardinha miuda alimenta-se esta ave. — 2

H. Leitor

BIFORMES

Eis uma descoberta que me veio á "ideia" — 3  
O homem que se inutilisa no trabalho é considerado nulo. — 4

Nuno 4.º

(ELECTRICA)

(por letras)

Se quer, "mulher," demonstrar  
Que possui boni coração;  
Abriqne o pobre sem lar,  
Dê-lhe caldo e dê-lhe pão. — 5

Agar Ramos

ENIGMA

N'esta minha parvalheira  
— Um tipo muito sabido —  
Diz que o tôdo é primeira,  
Embora diminuído.

E diz a prima Natércia  
— Apoiada por André —  
Que o todo, sem letra tércia,  
Da primeira feito é.

O meu vizinho Conrado  
— Um artista genial —  
Da primeira 'stá provado,  
Faz a mesma sem final.

Se como extremos procedo,  
Procurando pôr-me a salvo;  
Manifesto assim ter medo,  
Dos vossos ditos ser alvo.

DIRESSÃO GEOGRÁFICA

Amanhã vou ás Palhotas  
P'ra ver se arranjo um carroiro,  
Que me leve umas bolotas  
Que comprei ao Braz Pinheiro

H. Raio

ENIGMA TIPOGRAFICO



Lebricho

As decifrações dos trabalhos publicados no número 20, são: Maticado, Amotino, Maria, Carlota, Mucha-mucha, Munganga-muga, Andador andor, Machucho-macho, Jorrão, Moscão, Moscada-moscado, Morreira morteiro, Muliada, Mediria, Alas, (Entre as lá) Castro Laboreiro e Romão e Simão irmão, são de Damão.

Lebricho.



te do que qualquer d'aquelas, fosse uma vila aberta, completamente de guarnecida e sem nenhum dos meios de defeza militar então tão frequentes e generalizados no paiz.

Mas há mais:

De documentos autenticos guardados no arquivo do nosso municipio sabemos que já no ano de 1630 se achava em ruinas uma parte da antiga fortificação—a porta do Vale, pois que, em sessão da Camara de 9 de Novembro d'esse ano, foram multados em dez Cruzados alguns lavradores da proxima freguesia de Santa Maria do Abade do Neiva, por se recusarem a vir, com bois e carros, remover a pedra das ruinas da referida porta, como a Camara lhes havia ordenado. E, em sessão de 1 de Outubro de 1631, foi deliberado pelo juiz, vereadores e procurador do concelho que, para comodidade do povo d'esta vila e aumentos d'ela, se abrisse um postigo na Ferraria, visto estar cahida a porta do Vale e ser por ahi não só difficil mas até perigoso o transitio.

Isto prova-nos que em 1630 se achava completamente em ruinas a porta do Vale ou da Esperança, como era tambem designada; e sendo ella do tempo do Conde D. Afonso, não é provavel que esse fôra o seu estado, porque do mesmo tempo era a torre da Ponte, que se cahiu em 1800, e isto devido, diz-se, aos estragos n'ela produzidos pelo terramoto de 1755; e egualmente a torre da Porta Nova, que ainda hoje existe e é habitada, achando-se tão bem conservada que não revela o mais pequeno indicio de ruina proxima. Do mesmo modo as muralhas, de que restam alguns lançor, quasi tão bem firmes e seguros como o deveriam ser poucos anos depois da sua construção; e se em partes já desapareceram, foi isso devido á natural expansão da vila, cuja população crescendo successivamente, tinha absoluta necessidade de se dilatar pelos terrenos extra-muros.

Por todas estas razões estamos convencidos de que o Conde D. Afonso nada mais fez do que restaurar e ampliar a velha fortificação de Barcelos, realisando n'ella ao mesmo tempo certos melhoramentos aconselhados pelos progressos da architectura militar do seu tempo.

(Continua)

Fra Casil

## As raças históricas na Lusitania

(Transcrição)

III

(Continuação do número 36)

Depois da batalha de Zaura, os romanos tornaram-se soberbos e orgulhosos.

O mundo pareceu pequeno para as suas desmedidas ambições. Conscios das suas forças, extendem as vistas por toda a Europa. Cartago fora abatida; não restava senão o poder de Roma.

Esta, seguindo a sua politica traiçoeira e egoista, semi semelhante à dos nossos *feis aliados actuaes*, volta as suas armas triunfantes contra aqueles cuja causa veio defender!

Sipião ainda tentou conquistar as sympathias dos Luzitanos, tratando-os com brandura e até dando-lhes ricos presentes; mas os romanos, não precisando já do auxilio d'estes povos e dos seus irmãos da Peninsula, dirigem para aqui as suas ambições.

Os inimigos de Cartago foram substituidos pelos aliados de Roma!

O senado reduz toda a Espanha a duas provincias; a Citerior e Ulterior, comprehendida n'esta a Lusitania.

N'esta divisão os romanos já reconheceram a diferença que reparava os povos do occidente dos do norte, centro e meio dia da Peninsula.

Esta traição levantou todos os povos celiberos contra o nosso dominio estrangeiro.

Os romanos foram repellidos até ao norte do Ebro.

Esta guerra tenz durou 17 anos, até que Sempronio, o pae dos Gracchos, por meio de sabas leis e da brandura, conseguiu dominar por momentos o genio independente d'estas raças.

Os successores de Sempronio esqueceram-se, porém, das boas leis que elle deixára em Espanha e com as quaes conquistára as sympathias dos povos.

Tratados com rigor e tirania, os Luzitanos mostraram mais uma vez, que não suportavam impunemente o jugo estrangeiro.

Levantaram-se, travaram um combate sanguinolento com o pretor G'na; e aqueles que pouco tempo antes haviam matado o general Hilmicar derrotam o general romano, fazendo-lhe perder 9:000 homens!

(Continua)

Fra Casil

Carvalho, 24-5-1933

Activamente continuam os trabalhos do calcetamento da estrada.

Tivemos conhecimento de que a semana finda transportaram gratuitamente a pedra necessaria os Snrs. Domingos Jardim (8 carrêtos) Augusto da Conceição (8 carrêtos) Manuel G. Franqueira, Manuel Cerqueira Lopes, Manuel Joaquim Gomes, Agostinho J. Gomes, Antonio Pereira, Domingos Cardoso e Constantino Gomes e outros de que não nos chegou ainda conhecimento. A seu tempo será publicada uma lista de todos os lavradores que transportaram pedra e o numero de carrêtos de cada um.

—No dia 25 teve logar na nossa igreja uma missa cantada de promessa em honra de S.ta Teresinha feita pelo Sr. José Fernandes Loureiro. Felicitamos este Snr. por ter recebido para seus netos a importancia de 20 mil francos, indemnissão em que foi condemnado o auctor do desastre em que foi victima seu filho Antonio Fernandes Loureiro.

—Ficou adiada a partida do nosso paroco para Lourdes para o mês de Agosto, afim de seguir com pessoas que desejam unir-se em Lourdes aos peregrinos da Peregrinação Nacional a Roma, presidida por Sua Eminencia o Cardeal Patrearca de Lisboa.

## Portugal e Brazil

Luiz de Barcelos Machado e sua familia, gosando de consideração singularissima no municipio de Macahé.

Barcelos é nome ligado à história do municipio de Macahé, no estado do Rio de Janeiro, por uma familia originariamente portuguesa, que o traz de apelido, gosando de simpatia e consideração singularissima neste municipio onde tambem se aliou a titulos honorificos no tempo do império.

Lê-se no *Almanak da Côrte e das Provincias do Império do Brazil para 1884*, o seguinte:

Quissamã

(Freguesia de N. Sr.<sup>a</sup> do Desterro de).

Em Julho de 1694 foi fundada a capela de N. Sr.<sup>a</sup> do Desterro, na ilha do Furado, pelo Capitão Luiz de Barcelos Machado, o qual alcançou do Bispo do Rio de Janeiro que a erigisse em Capellania Curada, tendo à sua obediencia todos os povos até o rio Macahé.

O alcaide-mór Caetano de Barcelos Machado, neto do dito, mudando a fazenda para Capivary, ahi fundou nova capela no ano de 1732 com a mesma prerogativa, até que em 1749 foi erecta em Freguesia. Tendo-se arruinado essa matriz, o Brigadeiro José Caetano de Barcelos Coutinho, neto do alcaide-mór Caetano de Barcelos Machado, mandou edificar outra em 1805 ao pé da sua fazenda de Quissamã, que foi concluida pelos sobrinhos do mesmo Brigadeiro Barão de Ururahy, Visconde de Araruama, e suas irmãs D. Maria Isabel de Velasco e D. Ana Joaquina de Velasco.

E, em seguida, o mesmo *Almanak da Côrte* menciona diversos individuos que usam do apelido de Barcelos.

Entre eles são:

*Juizes de Paz*, Barão de Ururahy e João Antonio de Barcelos Coutinho; *Escrivão*, José Saturnino de Barcelos Coutinho; *Inspector de Quartelão*, Luiz Julião de Barcelos (que tambem figura entre os lavradores de cana e como negociante); *Vigario*, José Saturnino de Barcelos; *Engenho Central de Quissamã*, Visconde de Araruama, presidente, e Barão de Ururahy, director; *Lavradores*, Alexandino Antonio de Barcelos, Fabiana Joaquina de Barcelos, Francisco José de Barcelos e João Baptista de Barcelos; *Lavradores de cana fornecedores do Engenho Central*, Barão de Ururahy, tenente-coronel João Antonio de Barcelos Coutinho, alferes Luiz Julião de Barcelos e Visconde de Araruama; e, *Negociantes*, depois do penultimo nome) Manuel José de Barcelos.

Bento Atlas da Cruz

## “Ecos da Franqueira,”

Encontram-se na C.<sup>a</sup> Editora do Minho Barcelos, os recibos, dos assinantes deste Semanário a quem pedimos encarecidamente o obséquo de os procurar, afim de nos evitar as despêsas do correio.